



Capítulo 18
doi.org/10.53934/GPTI-18

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTERPROFISSIONAL EM
SAÚDE NA CONCEPÇÃO DE PRECEPTORES E TUTORES DO
PROGRAMA PET-SAÚDE INTERPROFISSIONALIDADE**

**Maria Letícia Cardoso da Silva Barbosa ¹; Ana Paula Melo da Silva Nome ²;
Gracielle Malheiros dos Santos ³; Elaine Priscilla Dantas Porto ⁴; Cândida Mirna
de Souza Alves ⁵; Deborah Dornellas Ramos ⁶;**

¹ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail: marialeticia20151@hotmail.com, ² Mestranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) E-mail: paula.melo@estudante.ufcg.edu.br, ³ Doutora e professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail: gracielle.malheiro@professor.ufcg.edu.br, ⁴ Acadêmica de Nutrição pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail: elaine.priscilla@estudante.ufcg.edu.br, ⁵ Enfermeira na Estratégia de Saúde da Família Rosália Henrique de Alencar Lima, do município de Nova Floresta-PB E-mail: candidaaenf@gmail.com, ⁶ Doutora em psicologia social e professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) E-mail: deborahdornellas@gmail.com.

Resumo: O Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde (PET-Saúde) Interprofissionalidade, instituído pela Portaria Interministerial n° 421 de 2010, está entre uma das políticas exitosas no Brasil voltadas a reorientação da formação em saúde e para estimular experiências ligados as questões de interdisciplinaridade norteando-se pelo conceito da Educação Interprofissional em Saúde (EIP). O objetivo deste trabalho foi apresentar as concepções dos tutores e preceptores integrantes do PET-Saúde Interprofissionalidade, dos municípios de Cuité e Nova Floresta, Paraíba, a respeito das aproximações e desafios da educação interprofissional em saúde e o desenvolvimento de competências colaborativas. Trata-se de um estudo qualitativo exploratório, do tipo transversal, realizado com 16 preceptores e 9 tutores, integrantes do PET, totalizando 25 participantes no período de 01 a 11 de dezembro de 2020. Os resultados foram apresentados e avaliados separadamente, no grupo dos preceptores emergiu conteúdo que originou a classe os desafios para a implementação da interprofissionalidade. E no grupo dos tutores constituiu-se a classe temática sobre os obstáculos para efetivação a Educação Interprofissional (EIP). Diante os resultados, identificou-se que o programa PET-Saúde Interprofissionalidade é considerado uma importante estratégia para a reorganização da formação e assistência em saúde no SUS, apesar dos desafios e obstáculos os quais são oriundos de um modelo individualizado de ensino, as

contribuições do programa para a formação profissional e para o SUS, são altamente agregadoras para a assistência eficaz, integrada, qualificada e resolutiva em saúde.

Palavras-chave: estratégias de saúde nacionais; educação interprofissional; PET-Saúde;

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) ressalta, desde 2010, para o atual contexto de saúde, que “para ser um bom profissional, não basta apenas ser profissional, mas, também precisa ser interprofissional” (OMS, 2010). Desse modo, se faz necessário pensar na Educação Interprofissional (EIP) como uma estratégia de formação em que duas ou mais profissões possam aprender e trocar experiências entre si, com a finalidade de elevar a qualidade do cuidado, a integralidade da assistência e a aplicabilidade da prática colaborativa (MEDEIROS; GERMANI; LEMOS, 2021).

O processo de trabalho no âmbito da saúde atualmente envolve o desafio de transformar e fortalecer os sistemas sanitários, além de outras complexas e dinâmicas demandas de saúde. Essas mudanças requerem intervenções concomitantes, tanto no modelo prevalente de assistência, quanto no modelo vigente de formação dos trabalhadores de saúde (FILHO et al., 2019). Em outras palavras, a reorganização na assistência depende também de reestruturações na formação dos profissionais, visto que, melhorar a educação superior mediante propostas, tais como a da EIP, por exemplo, resulta na formação de profissionais mais aptos e capacitados ao trabalho colaborativo e interprofissional, favorecendo as práticas de atenção em saúde no Sistema Único de Saúde (SUS).

No Brasil, destacam-se como exemplos de políticas exitosas vinculadas à reorientação da formação em saúde: o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) e o Programa de Educação pelo Trabalho em saúde (PET-Saúde), que fomentam os movimentos de reformas curriculares dos cursos de saúde, com objetivo de promover a adesão das iniciativas que favoreçam a interprofissionalidade (RIBEIRO; TEO, 2022). O PET-Saúde Interprofissionalidade, instituído pela portaria Interministerial nº421 de 2010, visa promover a formação de grupos de aprendizagem tutorial em áreas estratégicas para o SUS, favorecendo a qualificação dos profissionais e docentes para o trabalho mediante experiências dirigidas aos estudantes de graduações em saúde, estabelecendo um fio condutor entre serviço-ensino-comunidade (MOREIRA et al., 2021).

Ainda assim, é preciso considerar demandas que vão além da problemática da reestruturação curricular, tais como: o fortalecimento das relações ensino/serviço na perspectiva da coparticipação nos processos; a promoção de novas estratégias de ensino e aprendizagem; a reorganização dos papéis dos profissionais de saúde; o fortalecimento do trabalho em equipe por meio da prática colaborativa, além do resgate da responsabilidade social dos profissionais nos serviços de saúde. Mesmo diante de tantos obstáculos, destaca-se que a EIP tem favorecido a efetivação de grandes mudanças nas práticas profissionais e, conseqüentemente, no modelo de assistência em saúde. Assim sendo, a efetivação da EIP tem se mostrado de grande valia para a mudança do cenário brasileiro de assistência à saúde (COSTA et al., 2015).

Pode-se dizer, portanto, que a educação interprofissional tem mostrado como uma estratégia útil para o exercício de repensar e reorganizar as dificuldades encontradas nos serviços de saúde atuais, favorecendo mudanças necessárias à formação

dos profissionais de saúde no ensino superior a partir de programas promovidos pelo próprio Ministério da Saúde com o intuito de oportunizar vivências aos futuros profissionais junto aos serviços de saúde e às comunidades, visando a formação de trabalhadores capacitados para atuar nos serviços de saúde, especialmente no SUS, a partir da ênfase nas suas diretrizes e princípios, valorizando a resolutividade e a integralidade do cuidado, mediante a promoção da prática colaborativa como estratégia para reduzir o predomínio do modelo biomédico em saúde.

Diante do exposto, o presente trabalho busca apresentar as concepções dos preceptores e tutores do PET-Saúde Interprofissionalidade, dos municípios de Cuité e Nova Floresta, a respeito da educação interprofissional e do exercício das práticas colaborativas, a partir das suas experiências na execução das ações do programa.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório, do tipo transversal, definido como um método que privilegia a análise de microprocessos, por intermédio da análise das ações sociais, individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise (MARTINS, 2004).

O presente estudo foi vinculado ao programa PET-Saúde Interprofissionalidade, executado pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCCG/ Centro de Educação e Saúde – CES e realizado nos municípios de Cuité e Nova Floresta, Paraíba, Brasil, na vigência de 2019/2021. Participaram da pesquisa preceptores e tutores do programa, de várias áreas de formação profissional sendo estes: farmacêuticos (as), enfermeiros (as), assistente social, nutricionistas, biólogos (as), psicólogos (as) e servidores em cargo de secretário (a) de saúde. Os integrantes foram esclarecidos sobre os objetivos e os procedimentos de coleta de dados, sendo enfatizados os princípios de anonimato e o sigilo das informações coletadas durante o processo. Após a confirmação na participação da pesquisa, foi solicitado que os (as) preceptores e tutores (as) assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), declarando o seu consentimento quanto à participação no estudo. Ao todo foram entrevistados 16 preceptores e 9 tutores, totalizando 25 participantes. O processo de coleta de dados teve início através dos primeiros contatos que foram estabelecidos com os (as) participantes, mediante a plataforma de mensagem WhatsApp, com o intuito de estabelecer *rapport* e em respeito ao isolamento e distanciamento social frente ao cenário pandêmico pela COVID-19 no período de 01 a 11 de dezembro de 2020.

Dividiram-se os participantes em grupos focais, objetivando uma melhor discussão e contemplação das concepções de todos os participantes. Logo, três grupos foram formados e divididos: dois grupos de preceptores (um do município de Cuité-PB e outro de Nova Floresta -PB) e um grupo de tutores. Posteriormente, foram abertas salas específicas no Google Meet para cada grupo descrito acima, com datas e horários previamente combinados com os participantes. As discussões nos fóruns virtuais foram conduzidas no formato de grupos focais, nos quais consistem entre uma das várias modalidades disponíveis de entrevista grupal e/ou grupo de discussão, com questões disparadoras em relação ao PET-Saúde Interprofissionalidade, trabalho colaborativo, contribuições e desafios do programa. Nesses grupos, os (as) participantes dialogam sobre suas experiências e percepções em torno de um tema particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate, baseado em um roteiro semiestruturado. Assim, os grupos focais têm sido largamente utilizados por vários profissionais no desenvolvimento de pesquisas em saúde, educação em saúde, implementação e avaliação de programas, entre outras aplicações (SILVA; ASSIS 2010).

Para tanto, foi seguido um questionário semiestruturado, algumas perguntas abertas foram colocadas para o debate, de modo que possíveis intervenções neste e comentários neutros que auxiliassem no aprofundamento das respostas do debate eram feitas só quando necessário. Os temas norteadores lançados nos fóruns tinham o intuito de fomentar às discussões acerca das ações do PET – Saúde Interprofissionalidade e suas relações com a educação interprofissional e o desenvolvimento de competências colaborativas em saúde.

Nesse sentido, destacam que as questões abertas são mais favoráveis porque permitem aos participantes contar a sua história, com suas próprias palavras e adicionar detalhes que podem resultar em descobertas inesperadas. Além disso, assim como feito nesse estudo, o moderador também deve minimizar possíveis pressões sobre o grupo, pois é importante que o contexto de discussão, além de instigante, seja tranquilo o suficiente para que as pessoas se sintam à vontade para interagir e contribuir com suas ideias (GOMES; BARBOSA, 1999).

O conteúdo que resultou da participação dos (as) preceptores (as) e tutores (as) nos fóruns foi transcrito e analisado com base na Análise de Conteúdo de Bardin, a qual consiste em um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visa obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição dos conteúdos das mensagens indicadoras, de forma a permitirem inferências sobre os conhecimentos relativos às condições de produção/recepção das mensagens (BARDIN, 1977). Com isso, foi realizada a pré-análise com a leitura flutuante, identificação das Unidades Temáticas (UT), identificação das unidades de registro, e categorização das Unidades de Contexto Elementar (UCE), seguida da construção das classes temáticas e da categorização e subcategorização das unidades, bem como, os cálculos de frequências das UCE e seus percentuais, possibilitando a apreciação do panorama do conteúdo presente na fala dos (as) participantes. As UT são representadas nas tabelas dos resultados como classes temáticas, as unidades de registro são caracterizadas pelas categorias e as subcategorias são identificadas como as Unidades de Contexto Elementar.

A referida pesquisa é um recorte do projeto intitulado “TRABALHO COLABORATIVO: perspectivas e conceitos entre integrantes do PET-Saúde-Interprofissionalidade”, no qual foi devidamente submetido e aprovado pelo do Conselho de Ética da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), sob o CAAE nº37254020.4.0000.5182.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise de conteúdo de Bardin (1977) nas entrevistas com os preceptores e tutores, foi possível o agrupamento dos resultados em tabelas de classes temáticas, as quais permitiram a apresentação das categorias e subcategorias, como também, suas respectivas frequências. Afim de avaliar as concepções dos dois grupos, o material coletado separadamente seguiu em averiguação individual. Com isso, cada grupo emergiu tabelas e classes temáticas distintas. Considerando, que os achados e observações são específicos de cada grupo, tendo em vista que, preceptores e tutores possuem atividades e funções diferentes dentro do programa em relação às vivências com a interprofissionalidade, trabalho colaborativo e o protejo PET-Saúde em si, sendo assim, conferiu uma avaliação peculiar dos grupos entrevistados.

Partindo dessa análise e inicialmente pelo grupo dos preceptores, referente às respostas dos (as) 16 participantes, emergiu duas classes temáticas: caracterização das experiências do PET e os desafios para a implementação da interprofissionalidade,

representadas em tabelas com o número de Unidade de Contexto Elementar (UCE) identificadas na tabela por subcategorias, onde f caracteriza as frequências das UCE em número arábicos, bem como, também é representada por %. Entretanto, para este estudo foi realizado um recorte da classe temática a ser discutida, considerando o enfoque em apresentar e discutir os resultados em relação aos desafios da implementação da educação interprofissional em saúde.

A tabela 2 é nomeada pela classe temática dos desafios para a implementação da interprofissionalidade na perspectiva dos preceptores, composta pelas três categorias, as limitações de articulação entre o PET e serviço de saúde, com uma representação de 49,39% e com cinco subcategorias; limitações de articulação entre o PET e serviço de saúde com um percentual de 19,87% com três subcategorias e propostas para uma formação acadêmica voltada para a interprofissionalidade com 30,72% e quatro subcategorias. Tabela 2, representada a seguir:

Tabela 1- Classe temática: Os desafios para a implementação da interprofissionalidade. Cuité e Nova Floresta, Paraíba, 2022.

Categorias	%	Subcategorias	f	%
Limitações de articulação entre o PET e serviço de saúde	49,39	Divergência de horários	06	7,31
		Falta de flexibilidade no serviço	11	13,41
		Resistência da comunidade na prática colaborativa em saúde	15	18,29
		Resistência dos profissionais na prática colaborativa em saúde	28	34,14
		Hierarquia entre as profissões	22	26,82
Total			82	100
Limitações da grade curricular para a efetivação da educação interprofissional	19,87	Formação enrijecida pelo modelo biomédico	17	51,51
		Falta de disciplinas de saúde na grade curricular do curso de Biologia	07	21,21
		A universidade não prepara os estudantes para as fragilidades do SUS	09	27,27
Total			33	100
Propostas para uma formação acadêmica voltada para a interprofissionalidade	30,72	Capacitações para os profissionais de saúde	11	21,56
		Repensar os currículos para a formação dos profissionais de saúde	18	35,30
		A construção de uma política pública	04	7,84
		O PET como ferramenta para trabalhar as fragilidades da formação acadêmica	18	35,30
Total			51	100

Legenda: f = quantidade das frequências das UCE; %= representa a porcentagem das frequências.

Fonte: elaborado pelas autoras, 2022.

Os principais desafios mencionados pelos participantes nas entrevistas, pode-se perceber que essa classe temática explana mais categorias e subcategorias, o que afirma que o processo de implementação da EIP não é uma tarefa fácil, pois, é complexo e necessita de recursos para que se torne aplicável e eficaz. Observa-se a menção desses desafios nas falas a seguir:

A rigidez dos horários dos alunos das disciplinas na graduação... Não tinha aquela flexibilidade da própria academia (...). A gente sente um pouco de dificuldade em relação ao apoio da gestão... De priorizarem o trabalho profissional permitindo com que os profissionais tenham essa agenda mais flexibilizada (...). Ainda tem aquela dificuldade do trabalho colaborativo por parte da comunidade (...). A falta de maturidade é

tremenda...O fato das pessoas nem sempre estarem disponíveis a colaborar... A gente ainda não consegue atravessar todas as hierarquias que existem entre as profissões...Uma coisa é você ser líder outra coisa é você ser um chefe, uma autoridade (...)Porque nas nossas formações a agente fica muito em um lugar específico (...) Se você for ver os planos da área de saúde pode ser que sejam ofertados um curso ou até disciplinas mesmo, mas, se você for ver a área de educação não tem... E aí a gente se depara como teve agora no PET pessoas do curso de Biologia, eles realmente ficam um pouquinho recuados (...) Quando a gente sai da universidade ou quando a gente está na universidade a gente não tem noção dessas fragilidades (do SUS)...Se a gente for observar o plano não tem esse tipo de disciplina que estude sobre interprofissionalidade (...)Ações permanentes, já com o tema de educação interprofissional, seria ótimo.. Por que nós precisamos ser capacitados...Nós precisamos estar dialogando com a universidade, com o ministério (...) O primeiro ponto é rever a questão da formação, a nossa formação... É necessário que exista uma política pública... A formação profissional tem que ser repensada (...) Um dos pontos que eu acho interessante para abordar aqui é o próprio PET-Saúde, que nasce com essa ideia de atualização do currículo e de aproximar, levar a informação a prática de tudo isso que estamos falando aqui... Então eu enxergo no PET uma ferramenta muito importante para trabalhar isso (...)

Após a análise e discussão das repostas dos preceptores, a pesquisa seguiu em investigação nas entrevistas com o grupo dos tutores, composto por 9 integrantes, os quais seus conteúdos emergiram novas demandas e temáticas a serem elencadas na pesquisa. Considerando que o papel da tutoria está mais fortemente ligado a formação dos estudantes na instituição, com isso, as fragilidades e potencialidades se fazem mais presente no meio acadêmico.

Desse modo, respeitando as peculiaridades dos diferentes grupos, foram produzidas outras duas tabelas, com classes temáticas, unidades de registro como categorias e subcategorias representando as UCE, como também, suas frequências e porcentagens. A tabela 4 demonstra a classe temática a respeito dos obstáculos para efetivação da EIP, dividida em cinco categorias quais são: limitações e rigidez na grade curricular com 22,82%; a falta de comunicação entre cursos do campus com 16,30%; disciplinas tecnicistas com 7,60%; a formação do curso de farmácia é muito tecnicista com 46,73% e resistência dos professores para integralização dos cursos com 6,52%. Segue tabela abaixo:

Tabela 2- Classe temática: Os obstáculos para efetivação da Educação Interprofissional (EIP). Integrantes do Programa de Educação pelo Trabalho para Saúde (PET-Saúde). Cuité e Nova Floresta, Paraíba, 2022.

Categorias	f	%
Limitações e rigidez na grade curricular	21	22,82
A falta de comunicação entre cursos do campus	15	16,30
Disciplinas tecnicistas	7	7,60
A formação do curso de farmácia é muito tecnicista	43	46,73
Resistência dos professores para integralização dos cursos	6	6,52
Total	92	100

Legenda: *f* = quantidade das frequências das UCE; % = representa a porcentagem das frequências.

Fonte: dados da pesquisa, 2022.

As nomeações da tabela acima se deram conforme os obstáculos mencionados nas repostas das entrevistas, os quais referem-se as limitações e rigidez na grade curricular, a falta de comunicação entre os cursos do campus, disciplinas tecnicistas, a

formação muito tecnicista do curso de farmácia e a resistência dos professores para aplicar a integralização dos cursos, a partir disso, avalia-se as seguintes falas:

Na disciplina nós temos a limitação da grade curricular... As disciplinas que eu ministro são uniprofissionais, então (não dar para) implementar algo interprofissional (...) Percebeu também que logo no início houve uma rivalidade, entre os alunos do curso... Não tem essa convivência mais ampla, ele já sai ingressado no modelo extremamente desmembrado, cartesiano... Muitas vezes não se pensam nessa forma multiprofissional ou interdisciplinar e interprofissional (...) A maioria dos nossos estudantes admiram seguir disciplinas que tem uma visão mais unidirecional e tecnicista (...) A maioria das práticas são laboratoriais... A formação da farmácia é muito tecnicista, metade do curso praticamente é exatas (...) Outro colega me disse que não aceitaria alunos de outro curso que não fosse do curso dele... Na docência a gente às vezes não abre espaço para aprender com os outros colegas (...)

Assim, como foi pontuado no grupo dos preceptores e tutores os obstáculos para a efetivação da EIP também são identificados nível institucional e entre os pares. A estrutura organizacional e o processo de trabalho são mais individualizados e os currículos formalizam mais rigidez e indisponibilidades tanto com a carga horária como com as questões de elaboração de propostas coletivas, além da formação uniprofissional também ser um desafio à docência quando os professores vêm de formação uni e experiências mais técnicas e pouco práticas, possivelmente.

Entretanto, compreende-se no processo de implementação do conceito e das práticas formativas e profissionais com base na Educação Interprofissional há uma grande complexidade. Pois, para sua efetivação é necessária uma mudança organizacional e estrutural que talvez seja algo que não depende apenas do PET-Saúde. Para efetivação da EIP recomenda uma abordagem que atenda três dimensões de ação: macro, meso e micro. Neste aspecto, a dimensão macro inclui as políticas de reorientação da formação interprofissional em saúde e, por conseguinte, pode apoiar na definição de políticas nacionais que incentivem a adoção da EIP nas instituições formadoras. Já na dimensão meso trata dos desenhos curriculares e projetos pedagógicos e, por isso, mudança na formação em saúde ao redor do mundo, em relação a dimensão micro se caracteriza a respeito das relações interpessoais e interprofissionais, com potência para melhorar a comunicação entre os membros de diferentes profissões, promover a desconstrução dos estereótipos, proporcionar melhora no gerenciamento de conflitos e na capacidade para o trabalho em equipe (BATISTA; FIGUEREDO, 2022).

Nessa perspectiva, sobre o PET para trabalhar a EIP, se constituiu a tabela 2, pelo grupo dos preceptores em relação aos desafios da implementação da Educação Interprofissional, contemplando as seguintes categorias: limitações de articulação entre o PET e serviço de saúde, limitações da grade curricular para a efetivação da educação interprofissional e partindo da premissa desses desafios, se compôs a categoria de propostas para uma formação acadêmica voltada para a interprofissionalidade. Os desafios elencados na pesquisa abordam a divergência de horários, falta de flexibilidade no serviço, resistência da comunidade na prática colaborativa em saúde, resistência dos profissionais na prática colaborativa em saúde, hierarquia entre as profissões, formação enrijecida pelo modelo biomédico, falta de disciplinas de saúde na grade curricular de licenciatura em biologia e a universidade não prepara os estudantes para as fragilidades do SUS.

Em um estudo de revisão sistemática, foram elencados alguns aspectos inerentes aos desafios como: tempo disponível durante a formação (cronogramas dentro dos currículos), apoio organizacional local, oferta de desenvolvimento docente para que os

professores realizem a facilitação interprofissional, presença de estereótipos e hierarquias entre as profissões e elementos do processo ensino-aprendizagem (BATISTA; FIGUEREDO, 2022).

A organização do trabalho coletivo e interprofissional em saúde consiste em um desafio ao SUS, especialmente quando esses processos de trabalho assumem os princípios da universalidade, equidade, integralidade, descentralização e da participação popular, preconizados pelo próprio sistema. Algumas dificuldades que sobressaem na aplicabilidade dessa modalidade de trabalho consistem na forte fragmentação no processo do cuidar, marcada pela hierarquização das profissões e pela dificuldade da articulação entre os saberes e as práticas (FONSÊCA, 2018).

Em um estudo descritivo exploratório, observou-se que, mesmo em disciplinas que abordam a relação saúde e meio ambiente na saúde, ainda há uma tendência à hiperespecialização do conteúdo, diante a grande dificuldade da integralização de duas áreas de conhecimento, predominando a abordagem de conteúdos separados e sem interligação (SOUZA et al., 2020). Dessa forma, é notória essa dificuldade da biologia no presente estudo.

Ainda referente aos desafios, entretanto, agora com o grupo de tutores, representados pela tabela 3 nomeada por obstáculos sobre a efetivação da EIP, também apresentou algumas dificuldades, porém, relacionadas ao meio acadêmico e o ensino da Educação Interprofissional para com os estudantes. A partir disso, foram mencionados obstáculos como limitações e rigidez na grade curricular, a falta de comunicação entre cursos do campus, disciplinas tecnicistas, formação da farmácia é muito tecnicista e resistência dos professores para a integralização dos cursos. Sendo assim, entende-se que as questões dos desafios estão presentes, tanto nos serviços quanto na instituição de ensino superior em saúde, que ainda apresenta um modelo de formação individualizado, fragmentado e biomédico.

Um estudo de revisão apontou alguns desafios a serem superados em relação à docência e a EIP, quais foram a resistência dos docentes para esse tipo de formação, baixa a qualificação de recursos humanos na temática, melhoria nas formas de avaliação do processo ensino-aprendizagem e necessidade de maior integração nas práticas profissionalizantes (VIANA; HOSTINS; BEUNZA, 2021). As propostas relacionadas a essa modalidade interprofissional, tem enfrentado dificuldades e resistências no que diz respeito à sua execução. Uma das possíveis explicações para essa problemática consiste no fato da educação interprofissional defender uma proposta de trabalho mais complexa, que exige que profissionais repensem, sobretudo, práticas bastante arraigadas na sua formação e no seu cotidiano, para que possam desenvolver habilidades e competências relacionadas à flexibilidade, à iniciativa, à autonomia, à disposição para o diálogo e à capacidade de trabalho em equipe (FONSÊCA, 2018; BATISTA; BATISTA, 2016).

Em relação as disciplinas tecnicistas, se faz referência ao fato da formação individualizada e muito técnica dos cursos da saúde, a ideia de “separar para melhor entender o todo” conforme pregava René Descartes, em O discurso do Método, não é o melhor método para educar a nova geração, pois a hiperespecialização ocasiona uma fragmentação de grande impacto no conhecimento que nos leva a aprender os problemas de forma isolada, sem perceber as relações existentes com um contexto maior (MORIN, 2007).

Referente a observação no curso da farmácia, um estudo aponta a falta do conhecimento do profissional e a fragmentação da atividade da assistência no sistema. Portanto, o presente estudo ressalta que a disciplina de saúde coletiva no curso de farmácia deve ser aplicada de acordo com a realidade do trabalho profissional

do farmacêutico, levando a uma visão crítica da problemática de saúde no Brasil com aspectos da ciência epidemiológica, ou seja, dar uma maior atenção a disciplina de saúde coletiva quando aplicada a farmácia, tendo em vista, sua necessidade no processo de trabalho interprofissional e coletivo, considerando a recente adesão de acolhimento da classe na atenção básica de saúde, comparada a enfermagem (FERRAZ, 2021).

Um estudo recente aponta que a organização da maior parte dos cursos, principalmente em disciplinas focadas na atuação dos núcleos profissionais e centrada no professor, se caracteriza como um dos impedimentos para integração durante a formação. Para estimular a educação interprofissional e a prática colaborativa no Brasil é importante estar atento às resistências, entre elas ao risco de repetir conceitos e exemplos tradicionais de autorregulação e abordagem biomédica, mesmo com avanços já alcançados, ainda há uma grande relutância e resistência para romper o modelo atual de formação (FARINHA, 2023).

CONCLUSÕES

Portanto, apesar de apontar alguns desafios e obstáculos os quais são oriundos de um modelo individualizado de ensino, as contribuições do programa para a formação profissional e para o SUS, são altamente agregadoras para a assistência eficaz, integrada, qualificada e resolutiva em saúde. Pode-se dizer que o programa PET-Saúde Interprofissionalidade é considerado uma importante estratégia para a reorganização da formação e assistência em saúde no SUS. Principalmente para superação de desafios como o déficit nas formações dos profissionais que atuam na atenção básica em saúde, com vivência de experiências verticalizadas. Com isso, remetem à necessidade de uma reestruturação curricular nos cursos de formação para a atuação em saúde, baseadas especificamente na EIP.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, PIBIC/UFCC.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 1977.

BATISTA, N.A; FIGUEIREDO, L.R.U. Educação Interprofissional no Brasil: formação e pesquisa. **Editora Rede Unida**. Porto Alegre, v. 26. ed. p. 429, 2022.

COSTA, M.V, *et al.* Pró-saúde e PET-saúde como espaços de educação interprofissional. **Interface- comunicação, saúde e educação**, Botucatu, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/hDfS8pS3znMzK7ZNYg8gGtf/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 de maio, 2023.

FERRAZ, J.R. Saúde coletiva no ensino superior de farmácia: a relevância da prática. **Revista Expressão da Estácio**. 2021. Disponível em: <<https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/REDE/article/view/40/37>> Acesso em: 14 de maio, 2023.

FILHO, J.R.F, et al. Educação Interprofissional nas políticas de reorientação da formação profissional em saúde no Brasil. **Saúde e debate**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/8n8Vf9HXr4fZwJ8fHwrVDbg/>. Acesso em: 14 de maio, 2023.

FONSÊCA, R. M. **Educação interprofissional em saúde e o desenvolvimento de competências colaborativas na formação em enfermagem e medicina**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) - Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde, UFRN, Natal, 2018.

GOMES, M. E; BARBOSA, E. F. A técnica de grupos focais para obtenção de dados qualitativos. **Educativa: Instituto de pesquisas e inovações educacionais**, p. 1-7, 1999.

MARTINS, H.H.T.S. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**. São Paulo, v.30.p.289-300, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/4jbGxKMDjKq79VqwQ6t6Ppp/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 14 de maio, 2023.

MEDEIROS, N.M.H; GERMANI, A.C.C.G; LEMOS, E.S.. A educação interprofissional, aprendizagem significativa e prática colaborativa no cenário das políticas indutoras de reorientação da formação em saúde. **Ensino de Ciências e Tecnologia em Revista – ENCITEC** , v. 11, n. 2, p. 100-118, 9 jul, 2021. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/encitec/article/view/439/226>. Acesso em: 14 de maio, 2023.

MOREIRA, A. S. *et al.* Educação Interprofissional e formação em saúde: vivências de monitores do programa PET-saúde interprofissionalidade. **Gep News, [S. l.]**, v. 5, n. 1, p. 129–131, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/12881>. Acesso em: 13 de maio, 2023.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Marco para Ação em Educação Interprofissional e Prática Colaborativa**. Genebra, 2010.

RIBEIRO, K.P; TEO, C.R.PA. Educação Interprofissional nos Programas Pró e PET-Saúde: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**. v. 11, n.4, 2022. Doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27022>

SILVA, J. R. S; ASSIS, S. M. B. Grupo focal e análise de conteúdo como estratégia metodológica clínica-qualitativa em pesquisas nos distúrbios do desenvolvimento. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.10, n.1, p.146-152, 2010.

SOUZA, C.L. et al. Ambiente na formação em saúde: Reflexões sobre hiperespecializaçãodo ensino baseada em Edgar Morin. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v.6. n.7, p. 53513-53527, 2020. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/14232/11851>>. Acesso em: 14 de maio, 2023.

VIANA, S.B.P; HOSTINS, R.C.L; BEUNZA, J.J. Educação Interprofissional na graduação em saúde no brasil: uma revisão qualitativa da literatura. **Revista e-Curriculum**. São Paulo, v.19.2021. Disponível em: <
http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-38762021000200817&script=sci_arttext > Acesso em 13 de maio de 2023.